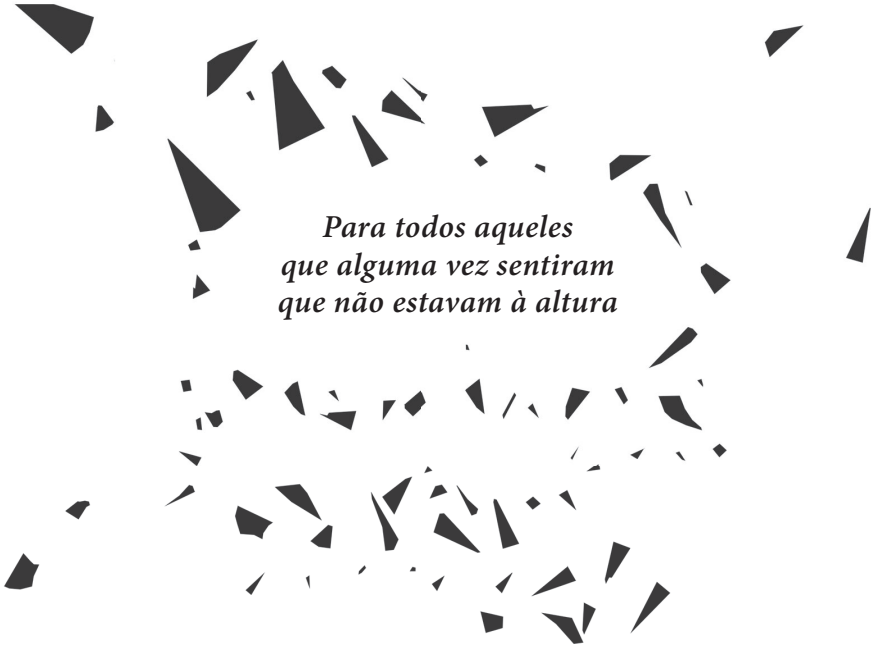


a filha da madrasta  
jennifer donnelly

Tradução de Maria João Trindade

CHÁ  
DAS  
CINCO   
Livros com sexto sentido



*Para todos aqueles  
que alguma vez sentiram  
que não estavam à altura*



Esta é uma história tenebrosa, uma história sinistra.

É uma história de outros tempos, de uma época em que os lobos esperavam pelas raparigas na floresta, os monstros percorriam os corredores de castelos amaldiçoados, e as bruxas estavam à espreita nas suas casas de bolo de gengibre com telhados cobertos de açúcar.

Esses tempos já vão longe.

Mas os lobos ainda cá estão, e são ainda mais espertos.

Os monstros mantêm-se. E a morte continua a esconder-se, polvilhada de branco.

É tenebroso, o destino de uma rapariga que se perde no seu caminho.

Ainda mais tenebroso é o de uma rapariga que se perde a si mesma.

Percebam que é perigoso desviarmo-nos do caminho.

Mas é muito mais perigoso não o fazer.

## PRÓLOGO



**E**ra uma vez, como sempre foi e nunca mais voltará a ser, numa cidade antiga junto à costa, três irmãs que trabalhavam à luz das velas.

A primeira era uma donzela. O seu cabelo, comprido e solto, era da cor do sol da manhã. Usava um vestido branco e um colar de pérolas. Nas suas mãos esguias tinha uma tesoura dourada, que usava para fazer recortes do mais fino pergaminho.

A segunda, uma mãe, robusta e forte, usava um vestido carmesim. Tinha rubis à volta do pescoço. O seu cabelo ruivo, rubro como um pôr do sol de verão, estava apanhado numa trança. Tinha na mão uma bússola de prata.

A terceira era uma anciã, corcunda e astuta. O seu vestido era negro; o único acessório que usava era um anel de obsidiana, com uma caveira gravada. Tinha o cabelo branco como a neve, preso num coque. Os seus dedos enrugados e manchados de tinta seguravam uma pena.

Os olhos da anciã, tal como os das suas irmãs, eram de um cinzento ameaçador, tão frio e cruel como o mar.

Ao ouvir um trovão súbito, a anciã ergueu os olhos da longa mesa de madeira à qual estava sentada e olhou para as portas abertas da sua varanda. Uma tempestade rugia sobre a cidade. A chuva fustigava os telhados dos seus grandiosos palácios. Os relâmpagos cortavam a noite. Em cada torre de igreja, os sinos tocavam um aviso.

— A água está a subir — disse ela. — A cidade vai ficar inundada.

— Estamos muito acima da água. Não pode atingir-nos. Não pode deter-nos — garantiu a mãe.

— Nada pode deter-nos — disse a donzela.

A anciã semicerrou os olhos.

— *Ele* pode.

— Os criados estão de vigia — sossegou a mãe. — Ele não vai entrar.

— Talvez já o tenha feito — disse a anciã.

Ao ouvir isto, a mãe e a donzela olharam para cima. Os seus olhos desconfiados percorreram rapidamente a sala cavernosa, mas não viram qualquer intruso, apenas os criados, de manto e capuz, a fazerem as suas tarefas. Aliviadas, voltaram ao trabalho, mas a anciã manteve-se de sobreaviso.

O ofício das irmãs era fazer mapas, mas nunca vinha ninguém comprá-los, pois estes não podiam ser adquiridos a preço algum.

Cada um era minuciosamente desenhado, usando penas de cisne negro.

Cada um era sumptuosamente colorido com tinturas misturadas a partir de índigo, ouro, pérolas moídas e outras coisas — coisas muito mais difíceis de encontrar.

Cada um usava o tempo e não a distância como unidade de medida, pois cada mapa traçava o rumo de uma vida humana.

— Rosas, rum e ruína — murmurou a anciã, cheirando o ar. — Não lhe sentem o cheiro? Não sentem o cheiro *dele*?

— É só o vento — tranquilizou a mãe. — Traz os aromas da cidade.

Ainda a resmungar, a anciã mergulhou a pena num tinteiro. As velas tremeluziam num candelabro de prata enquanto ela desenhava a paisagem de uma vida. Um corvo, negro como carvão e de olhos cintilantes, estava empoleirado sobre a lareira. Junto a uma parede havia um relógio de pé alto dentro de uma armação de ébano. O seu pêndulo, um crânio humano, oscilava lentamente, de um lado para o outro, marcando os segundos, horas, anos, vidas.

A sala tinha a forma de uma aranha. O local de trabalho das irmãs, ao centro, era o corpo da criatura. Longas filas de estantes altas expandiam-se a partir do centro, como as muitas patas de

uma aranha. Numa das extremidades da sala havia portas de vidro que davam para a varanda; na outra erguia-se um par de portas de madeira esculpida.

A anciã terminou o seu mapa. Levou um pau de lacre vermelho à chama de uma vela, deixou-o pingar sobre o fundo do documento e depois pressionou o seu anel contra ele. Quando o selo endureceu, enrolou o mapa, atou-o com uma fita vermelha e entregou-o a um criado. Este desapareceu por um dos corredores para colocar o mapa numa prateleira, levando uma vela na mão para iluminar o caminho.

Foi então que aconteceu.

Outro criado, de cabeça baixa, passou entre a anciã e as portas da varanda, abertas atrás dela. Ao fazê-lo, uma rajada de vento soprou sobre ele, enchendo a sala de um aroma intenso a fumo e especiarias. As narinas da anciã dilataram-se. Deu meia-volta.

— Tu aí! — gritou, lançando-se sobre ele. A sua mão, semelhante a uma garra, agarrou-lhe o capuz. Este caiu-lhe da cabeça, revelando um jovem com olhos cor de âmbar, pele escura e longas tranças negras. — Apanhem-no! — sibilou.

Uma dúzia de criados correram em direção ao homem, mas quando se aproximaram outra rajada apagou as velas. Quando fecharam as portas e voltaram a acender as velas, tudo o que restava do homem era o seu manto, caído no chão.

A anciã andava para trás e para diante, a gritar com os criados. Estes percorreram os corredores sombrios, com os mantos a esvoaçar atrás deles, a tentar expulsar o intruso. Instantes depois, este saiu subitamente de trás de uma das estantes, parando a centímetros da anciã. Correu para as portas de madeira e forçou a maçaneta freneticamente, mas esta estava trancada. Praguejando em voz baixa, virou-se para as três irmãs, mostrou um sorriso inesperado e fez-lhes uma vénia.

Vestia uma sobrecasaca azul-céu, bragas de cabedal e botas altas. Usava uma argola de ouro numa das orelhas; um alfanque pendia-lhe da anca. O seu rosto era belo como a aurora, o sorriso sedutor como a meia-noite. Os seus olhos prometiam o mundo e tudo o que ele continha.

No entanto, as irmãs não se deixaram afetar pela beleza do homem. Uma por uma, falaram.

— Sorte — sibilou a donzela.  
— Risco — retorquiu a mãe.  
— Acaso — resmoneou a anciã.  
— Prefiro Chance<sup>1</sup>. Soa melhor — disse o homem, piscando o olho.

— Há muito que não nos fazias uma visita — disse a anciã.

— Devia aparecer mais vezes — disse Chance. — É sempre um prazer visitar as Moiras<sup>2</sup>. São tão espontâneas, tão rebeldes e imprevisíveis. Esta casa é sempre uma festa, um verdadeiro bacanal. É-tão-*divertido*.

Um punhado de criados saiu de entre as estantes, corados e sem fôlego. Chance tirou o alfange da bainha. A lâmina cintilou à luz das velas. Os criados recuaram.

— De quem é o mapa que roubaste desta vez? — perguntou a anciã. — Que imperatriz ou general te pediu um favor?

Ainda com o alfange numa mão, Chance tirou um mapa de dentro do casaco, com a outra. Arrancou a fita com os dentes e depois abanou o pergaminho. Este desenrolou-se, e ele ergueu-o. À medida que as três mulheres o observavam, as suas expressões passaram da fúria à incompreensão.

— Vejo uma casa, a Maison Douleur, na aldeia de Saint-Michel — disse a anciã.

— É a casa de... — começou a matriarca.

— Uma rapariga. Isabelle de la Paumé — terminou a anciã.

— *Quem?* — perguntou a donzela.

— Tanto trabalho por uma simples rapariga? — perguntou a anciã, observando Chance de perto. — Ela não é nada nem ninguém. Não possui beleza nem inteligência. É egoísta. Má. Porquê ela?

— Porque não resisto a um desafio — respondeu Chance. Voltou a enrolar o mapa com uma mão, apoiando-o contra o peito, e depois enfiou-o novamente no casaco. — E que rapariga não quereria o que estou a oferecer? — Apontou para si mesmo, como se nem ele conseguisse acreditar no quanto era irresistível. — Vou dar-lhe a oportunidade de mudar o caminho em que está. A oportunidade de fazer o seu *próprio* caminho.

---

<sup>1</sup> «Oportunidade» em inglês, «sorte» em francês. (N. da T.)

<sup>2</sup> Em inglês, *fates* (destinos). Na mitologia grega, as Moiras eram as três irmãs que determinavam o destino de deuses e humanos. (N. da T.)

— Tonto — disse a anciã. — Não compreendes minimamente os mortais. Nós, as Moiras, mapeamos as suas vidas porque eles assim o desejam. Os mortais não gostam de incerteza. Não gostam de mudança. A mudança é assustadora. A mudança é dolorosa.

— A mudança é um beijo no escuro. Uma rosa na neve. Uma estrada sinuosa numa noite ventosa — retorquiu Chance.

— Os monstros vivem no escuro. As rosas morrem na neve. As raparigas perdem-se em estradas sinuosas — ripostou a anciã.

Mas Chance não se deixaria desanimar. Embainhou o alfanque e estendeu a mão. Como que por magia, uma moeda de ouro apareceu-lhe nos dedos.

— Vou fazer uma aposta consigo — disse.

— Estás a abusar — resmungou a anciã com a fúria a acumular-se como uma tempestade nos seus olhos.

Chance atirou a moeda à anciã. Esta apanhou-a no ar e pôs-a na mesa, com violência.

A tempestade rebentou.

— Achas que uma *moeda* pode pagar aquilo que desencasteaste? — enfureceu-se. — Um senhor da guerra esbraveja por toda a França. A morte ceifa uma colheita de ossos. Um reino vacila. Tudo por *tua* causa!

O sorriso de Chance desapareceu. Por alguns segundos, a sua fanfarronice impetuosa esmoreceu.

— Vou resolver isso. Juro.

— Com o mapa *dessa* rapariga?

— Ela já foi corajosa, em tempos. Foi bondosa.

— A tua cabeça está ainda mais vazia do que as tuas promessas — disse a anciã. — Abre o mapa novamente. Desta vez, lê-o. Vê o que vai ser dela.

Chance assim fez. Os seus olhos seguiram o caminho da rapariga no pergaminho. Faltou-lhe o fôlego ao ver o fim... as manchas e sombras, as linhas violentas. Os seus olhos procuraram os da anciã.

— Este fim... Não é... Não *pode* ser...

— Ainda achas que consegues resolver isto? — troçou a anciã.

Chance deu um passo em direção a ela, de queixo erguido.

— Estou a oferecer-lhe uma parada alta. Se eu perder esta aposta, nunca mais volto ao palácio.



— E se perder *eu*?

— Deixa-me ficar com este mapa. Permite que a rapariga decida para sempre os seus próprios passos.

— Não gosto dessas condições — disse a anciã. Sacudiu a mão e os seus criados, que tinham estado a aproximar-se lentamente de Chance, investiram sobre ele. Alguns estavam agora a empunhar os seus próprios alfanges. Chance estava encurralado. Ou, pelo menos, assim parecia.

— Não há esperança ou fuga possível. Devolve-me o mapa — disse a anciã, estendendo a mão.

— Há sempre esperança — disse Chance, voltando a enfiar o mapa no casaco. Deu alguns passos rápidos, fez uma pirueta e voou sobre as cabeças dos criados. Com a graciosidade de uma pantera, aterrou sobre a mesa de trabalho e correu por cima dela. Ao chegar ao fim, saltou para o chão e depois precipitou-se para a varanda.

— Agora não tens fuga, patife! — gritou a anciã atrás dele. — Estamos no terceiro andar! O que podes fazer? Saltar para o outro lado do canal? Nem *tu* tens tanta sorte.

Chance abriu as portas da varanda de par em par e saltou para a balaustrada. Já não chovia, mas o mármore ainda estava molhado e escorregadio. O corpo de Chance agitava-se de um lado para o outro. Os braços mexiam-se freneticamente. Precisamente quando parecia que ia cair, Chance conseguiu segurar-se, equilibrando-se cuidadosamente nos dedos dos pés.

— O mapa. *Já* — exigiu a anciã. Tinha saído para a varanda e estava a centímetros dele. As irmãs juntaram-se a ela.

Chance olhou para trás, para as Moiras; depois deu uma cambalhota no ar. A anciã arquejou. Correu para a balaustrada, com as irmãs no seu encalço, à espera de o ver a afogar-se nas águas revoltas, lá em baixo.

Mas ele não estava a afogar-se; estava deitado de costas, envolvido pela capota de uma gôndola. O barco sacudia-se violentamente de um lado para o outro, mas Chance estava ileso.

— Rema, meu caro amigo! — gritou para o gondoleiro. O homem obedeceu. O barco começou a afastar-se.

Chance sentou-se, olhando para as Moiras com a intensidade de um diamante.

— Agora *tem* de aceitar as minhas condições! Não tem alternativa! — gritou.

A gôndola foi ficando cada vez mais pequena, à medida que descia o canal. Instantes depois, dobrou uma curva e desapareceu.

— A situação é grave — disse a anciã num tom soturno. — Não podemos deixar que os mortais façam as suas próprias escolhas. Quando o fazem, segue-se a catástrofe.

A donzela e a mãe voltaram a entrar na sala. A anciã seguiu-as.

— Faz uma mala — gritou para um dos criados. — Vou precisar de penas e tinturas... — A sua mão pairou sobre os frascos em cima da mesa. Escolheu um ébano profundo. — *Medo*, sim. E a *Inveja* também vai ser útil — disse ela, pegando num verde venenoso.

— Onde vais? — perguntou a donzela.

— À aldeia de Saint-Michel — respondeu a anciã.

— Vais impedir o Chance de conseguir a rapariga? — perguntou a mãe.

A anciã sorriu amargamente.

— Não, não posso. Mas vou fazer o que nós, as Moiras, sempre fizemos. Vou impedir a rapariga de conseguir uma chance.

**N**a cozinha de uma enorme mansão, uma rapariga estava sentada, a segurar uma faca. Chamava-se Isabelle. Não era bonita.

Segurava a lâmina da faca sobre as chamas que ardiam na lareira. Atrás dela, estendida noutra cadeira e quase inconsciente, estava a sua irmã, Octavia.

O rosto de Octavia estava assombrosamente pálido. Os olhos estavam fechados. A meia que lhe tapava o pé direito, outrora branca, encontrava-se manchada de sangue. Adélie, a velha ama das irmãs, retirou-a e arquejou. O calcanhar de Octavia tinha desaparecido. O sangue pingava da ferida hedionda que estava no seu lugar e acumulava-se no chão. Embora se tentasse conter, Octavia soltou um gemido de dor.

— Chiu, Tavi! — repreendeu Maman. — O príncipe vai ouvir-te! Lá porque já não tens hipóteses, não quer dizer que a tua irmã não possa ter.

Maman era a mãe das raparigas. Estava de pé, junto à banca, a lavar o sangue de um sapato de cristal.

O príncipe tinha vindo à procura de quem usara o sapato. Três dias antes tinha dançado toda a noite com uma jovem bonita, num baile de máscaras, e tinha-se apaixonado por ela. No entanto, ao bater da meia-noite, a rapariga tinha fugido, deixando apenas um sapato de cristal no seu rasto. Ele iria casar com a rapariga que o tinha usado, jurara. Com ela e mais ninguém.

Maman estava determinada a que uma das suas filhas fosse essa rapariga. Tinha recebido a comitiva real no vestíbulo e solicitado que Isabelle e Octavia pudessem experimentar o sapato em privado, por respeito à sua modéstia de donzelas. O príncipe tinha concordado. O grão-duque estendera uma almofada de veludo. Maman tinha tirado cuidadosamente o sapato da almofada e levava-o para a cozinha. As filhas tinham-na seguido.

— Devíamos ter aquecido a lâmina para a Tavi — resmungava agora Maman. — Como é que isso não me ocorreu? O calor cauteriza as veias e faz parar a hemorragia. Oh, paciência. Vai correr melhor contigo, Isabelle.

Isabelle engoliu em seco.

— Mas, Maman, como irei caminhar? — perguntou com a voz a falhar-lhe.

— Menina tonta! Vais *viajar* numa carruagem dourada. Os criados irão levantar-te para entrares e saíres.

As chamas engoliram a lâmina de prata. Esta ficou vermelha. Isabelle arregalou os olhos, assustada. Pensou num garanhão que em tempos adorara e que já não tinha.

— Mas, Maman, como irei galopar pela floresta?

— Chegou a hora de pôr de lado os passatempos infantis — disse Maman, enquanto secava o sapato. — Arruinei-me a tentar atrair pretendentes para ti e para a tua irmã. Os vestidos bonitos e as joias refinadas custam uma fortuna. A única esperança na vida de qualquer rapariga é fazer um bom casamento, e não há melhor partido do que o príncipe de França.

— Não posso fazer isto — sussurrou Isabelle. — *Não posso.*

Maman pousou o sapato de cristal. Aproximou-se da lareira e agarrou o rosto de Isabelle com ambas as mãos.

— Ouve-me, criança, ouve bem. O amor é dor. O amor é sacrifício. Quanto mais depressa aprenderes isso, melhor.

Isabelle fechou os olhos com força. Abanou a cabeça.

Maman soltou-a. Ficou em silêncio por alguns instantes. Quando finalmente voltou a falar, o seu tom era gélido, mas as palavras soavam cáusticas.

— És feia, Isabelle. Aborrecida. Gorda como uma vaca. Nem sequer consegui convencer o filho do mestre-escola, que é atrasado e tem as pernas tortas, a casar contigo. Agora um príncipe está à espera do outro lado da porta — um *príncipe*, Isabelle — e tudo o que tens de fazer para ele ser teu é cortar alguns dedos dos pés. Apenas uns deditos inúteis...

Maman empunhava a vergonha como um assassino brandia um punhal, espetando-a diretamente no coração da sua vítima. Ia vencer; vencia sempre. Isabelle sabia disso. Quantas vezes tinha cortado partes de si mesma, por ordem da mãe? A parte que ria demasiado alto. A que cavalgava demasiado depressa e saltava demasiado alto. A parte que desejava servir-se de uma segunda dose, mais molho, uma fatia de bolo maior.

*Se eu casar com o príncipe, serei uma princesa*, pensou Isabelle. *E, um dia, serei rainha. E nunca mais ninguém se atreverá a chamar-me feia.*

Abriu os olhos.

— Linda menina. Sê corajosa. Sê rápida — disse Maman. — Corta pela articulação.

Isabelle tirou a faca do meio das chamas.

E tentou esquecer tudo o resto.

O dedo mindinho foi o mais difícil. Não era de admirar; muitas vezes são as pequenas coisas que mais magoam: um olhar gélido, uma palavra cortante, o riso que é interrompido quando entramos numa divisão.

— Continua — insistiu Maman. — Pensa no que iremos conseguir: um príncipe para ti, talvez um duque para a Tavi, uma casa para todas nós, no palácio!

Isabelle ouviu o desespero na voz da mãe. Sabia que a costureira tinha fechado a conta delas e que o carnicheiro tinha mandado um rapaz lá a casa com uma conta por pagar. Agarrou a faca com mais força e terminou o que tinha começado.

A dor lancinante, o fedor da carne queimada e a visão dos seus próprios dedos caídos na fogueira eram tão horríveis que, por alguns segundos, Isabelle teve a certeza de que ia desmaiar, mas nesse momento Adélie pôs-se ao seu lado, com as suas mãos gentis e palavras reconfortantes.

Trouxeram-lhe um pedaço de algodão. Uma meia branca lavada. Aguardente. E o sapato de cristal.

Maman deu-lho para as mãos.

— Calça-o. Despacha-te — disse ela.

Isabelle pegou-lhe. Era pesado nas suas mãos e frio ao toque. Ao deslizar o pé lá para dentro, a dor trespassou-a, cortante e violenta. Subiu-lhe pela perna e percorreu-lhe o corpo, até sentir que estava a ser comida viva. O sangue fugiu-lhe do rosto. Fechou os olhos e agarrou os braços da cadeira.

E, no entanto, quando Maman exigiu que ela se levantasse, Isabelle assim fez. Abriu os olhos, respirou fundo e endireitou-se.

Isabelle conseguiu fazer este ato impossível porque tinha um dom — um dom muito mais valioso do que uma cara bonita ou pés delicados.

Isabelle tinha força de vontade.

Não sabia que isso era algo benéfico para uma rapariga, pois toda a gente sempre lhe tinha dito que era uma coisa terrível. Toda a gente dizia que uma rapariga com força de vontade teria um fim triste. Toda a gente dizia que uma rapariga devia submeter-se às vontades daqueles que sabem o que é melhor para ela.

Isabelle era jovem, tinha apenas dezasseis anos; ainda não tinha aprendido que toda a gente é imbecil.

Cada passo era uma agonia.

A meio do corredor que ia da cozinha ao vestíbulo, Isabelle vacilou.

Ouviu uma lamúria fraca, cada vez mais alta. Teria sido ela?

— É a Ella — disse Maman num tom lúgubre. — Despacha-te, Isabelle.

Temos de resolver este assunto. E se o príncipe a ouve?

Mesmo antes de o príncipe chegar, Isabelle tinha trancado Ella no sótão. Ella tinha chorado. Ella tinha-lhe implorado que a deixasse sair. Queria ver o príncipe. Queria experimentar o sapato de cristal.

— Não sejas ridícula — dissera-lhe Isabelle. — Nem sequer foste ao baile. Só ias envergonhar-nos, com o teu vestido esfarrapado.

Tinha sido um ato cruel. Isabelle soubera-o assim que rodara a chave na fechadura, mas isso não a tinha impedido. Já nada a detinha. *Deus do céu, o que me tornei eu?*, pensou, ao ouvir outra lamúria.

Maman observava-a de perto, tão perto que Isabelle sentia que ela conseguia ver para dentro dela.

— Solta-a, Isabelle. Fá-lo — disse ela. — O príncipe vai olhar para ela uma vez e apaixonar-se completamente, como qualquer outro homem que a veja. Queres ser bondosa ou queres o príncipe?

Isabelle tentou, mas não conseguiu responder. As escolhas que Maman lhe tinha dado não lhe assentavam melhor do que o sapato. Uma imagem passou-lhe pela cabeça, uma memória muito antiga. Ela, Tavi e Ella tinham estado a brincar à sombra da tília que ensombrava a mansão.

Uma carruagem tinha parado no quintal. Dois homens, sócios do pai de Ella — o padrasto de Isabelle e Tavi —, tinham saído. Sendo homens afáveis e de boas maneiras, tinham parado para conversar com as meninas, mas o que acontecera a seguir tinha mudado tudo.

Isabelle desejou poder voltar atrás no tempo. Desejou poder interromper o que tinha começado nesse dia, mas não sabia como.

E agora era tarde de mais.

*Quem nos pôs uma contra a outra, Ella?*, pensou. *Foram aqueles homens? Foi a Maman? Ou foi todo este mundo cruel?*

— QUATRO —

— **M**antém o peso sobre o calcanhar. Vai aliviar-te a dor — aconselhou Maman. — Anda lá. Despacha-te. Beliscou as bochechas exangues de Isabelle, para lhes dar alguma cor, e juntas continuaram a descer o corredor.

O príncipe, o grão-duque e os soldados que os acompanhavam estavam todos no vestíbulo, à espera dela. Isabelle sabia que não podia falhar, como tinha falhado a sua irmã.

Inicialmente, Tavi tinha enganado toda a gente, mas ao sair de casa e encaminhar-se para a carruagem do príncipe, o calcanhar tinha-lhe sangrado tanto que esta tinha deixado pegadas carmesim no chão.

No meio de todo o entusiasmo, ninguém tinha reparado nos rastros sangrentos, mas quando Tavi se aproximava da carruagem, uma pomba branca tinha saído a esvoaçar da tília. A ave tinha aterrado no ombro do príncipe e começado a cantar.

*Sangue no chão! Sangue no sapato!  
Esta rapariga falsa e cruel não honrou o vosso trato!*

O príncipe tinha empalidecido, ao ver tanto sangue. O grão-duque, um homem esguio e com traços de lobo, ficara furioso, ao saber que o seu soberano tinha sido enganado. Tinha exigido que Maman devolvesse o sapato de cristal, mas Maman recusara. Ela insistira que Isabelle também tinha o direito de experimentar o sapato, pois o príncipe tinha decretado que todas as donzelas do reino o poderiam fazer.

— Estás pronta? — sussurrava agora Maman a Isabelle, à medida que se aproximavam do vestíbulo.

Isabelle fez que sim com a cabeça e depois saiu para cumprimentar o príncipe. Tinha-o visto de relance no baile, mas apenas à distância e, quando ele chegara à mansão, Maman tinha-a encaminhado rapidamente para a cozinha.

Agora, estando tão perto dele, via que os seus olhos eram de um tom azul de céu de verão, e que o seu cabelo loiro — que usava comprido e solto, a cair-lhe sobre os ombros — era atravessado por madeixas de puro ouro. Era alto e largo de ombros. Estava corado.

Ao olhar para ele, Isabelle esqueceu-se da ferida, da dor, do próprio nome. Ficou sem palavras. Ele era deslumbrante.

O príncipe também ficou em silêncio. Estava a olhar atentamente para Isabelle; os seus olhos assimilavam cada plano e ângulo do rosto dela.

— Ah, estás a ver? Ele reconhece o seu verdadeiro amor! — disse Maman num tom meloso.

Isabelle encolheu-se ao ouvir a mentira da mãe. No baile, todos tinham usado máscaras que lhes tapavam a parte de cima do rosto. Ela sabia o que o príncipe estava a fazer — estava a observar a curva dos lábios dela, a linha do maxilar e a inclinação do queixo, em busca da rapariga por quem se tinha apaixonado.

Mas essa rapariga não estava lá.

— CINCO —

Isabelle e o príncipe continuaram a olhar fixamente um para o outro. Envergonhados. Em silêncio. Até que Maman tomou a iniciativa.

— Vossa Graça — disse ela, puxando Isabelle consigo para baixo, para fazer uma vénia. — É a minha filha mais nova quem procura. O sapato de cristal serve-lhe na perfeição.

— Espero que tenha a certeza disto, *madame* — avisou o grão-duque.

— O príncipe não apreciará uma segunda tentativa de o enganar.

Maman baixou a cabeça.

— Por favor, perdoe a Octavia — disse ela ao príncipe. — Não é uma rapariga desonesta. O seu único defeito era estar completamente apaixonada por si. Que rapariga não estaria?

Ao ouvir aquilo, o príncipe corou. O grão-duque, não.

— Podemos ver o sapato? — perguntou com impaciência.

Isabelle e Maman levantaram-se. Assustada, Isabelle sentiu um nó no estômago ao levantar a bainha do vestido. Todos os olhares se viraram para o seu pé. Para seu enorme alívio, não havia sangue. A meia estava branca como neve, e o algodão que Adélie lá tinha enfiado preenchia o espaço do dedo. O próprio sapato de cristal cintilava, com um brilho azulado.

— Serve — disse o príncipe apaticamente.

O grão-duque e os soldados — todos eles, sem exceção — fizeram uma vénia a Isabelle.

— Longa vida à princesa! — gritou um dos capitães.

— Longa vida à princesa! — repetiu o resto da companhia.



Atiraram chapéus ao ar. Soltaram vivas. Isabelle deu meia-volta lentamente, atônita. Por uma vez, a admiração dirigia-se a si, e não a Ella. Por uma vez, sentia-se orgulhosa, poderosa, desejada. Poucos momentos antes, não estava à altura do filho do mestre-escola; agora ia ser uma princesa.

— Temos de viajar para o palácio, *mademoiselle* — disse-lhe o príncipe com um sorriso rígido. — Há muitos preparativos a tratar para o casamento.

Fez uma vénia brusca e depois dirigiu-se para a porta, e Isabelle viu que os seus ombros fortes tinham descaído e que a luz desaparecera dos seus belos olhos.

*O príncipe ama outra pessoa; anseia por ela, pensou Isabelle. Se eu for para a frente com isto, não vou estar a ganhar um marido, mas a tomar um prisioneiro.*

Sentiu-se agoniada, envenenada por algo que pensava que queria. Tal como quando era pequena e Adélie tinha feito uma fornada de bolinhos de cereja e deixado a arrefecer, e ela os comera todos.

Virou-se para a mãe, pronta para dizer «Isto não está certo», mas ao fazê-lo viu que Maman lhe lançava um sorriso rasgado. Por alguns segundos preciosos, Isabelle deleitou-se com o calor do sorriso da mãe. Era tão raro vê-lo.

— Estou orgulhosa de ti, filha — disse Maman. — Salvaste-nos da ruína. Vou vender esta casa tenebrosa, pagar as nossas dívidas e nunca mais olharei para trás.

Os protestos de Isabelle morreram-lhe na garganta. Partir o coração do príncipe era uma coisa terrível, mas era pior partir o da mãe. Nem por um segundo ponderou o que queria o seu próprio coração, pois os desejos de uma rapariga não tinham qualquer importância.

Maman agarrou o braço de Isabelle e encaminhou-a para os degraus de pedra que levavam da porta da frente da mansão até à entrada com gravilha. Isabelle conseguia ver uma carruagem dourada, puxada por oito cavalos brancos. O príncipe e o grão-duque estavam ao lado da carruagem, à espera dela, distraídos a conversar.

O príncipe franzia o sobrolho. A preocupação toldava-lhe o olhar. Isabelle sabia, tal como toda a gente, que o pai dele estava gravemente doente e que um duque estrangeiro, Volkmar von Bruch, tinha pressentido a morte do velho rei e atacado brutalmente as aldeias ao longo da fronteira norte do reino.

Maman abraçou Isabelle, prometendo-lhe que ela e Tavi a seguiriam para o palácio assim que pudessem. E depois, desorientada, Isabelle

precipitou-se para a carruagem, mas para descer teve de apoiar todo o seu peso no pé magoado. A meio das escadas, as veias cauterizadas abriram. Conseguia sentir o sangue, molhado e quente, a infiltrar-se na meia. Quando chegou ao último degrau, a meia estava ensopada.

Acima dela, nos ramos da tília, as folhas começaram a agitar-se.

— SEIS —

A carruagem estava a apenas dez passos de distância. Depois sete. Depois cinco. Um soldado abriu-lhe a porta. Isabelle continuou a olhar diretamente em frente. O príncipe e o grão-duque, ainda distraídos com a conversa, nem sequer estavam a olhar para ela. Ia conseguir. Estava quase lá. Apenas alguns passos. Mais três... dois... um...

Foi quando ouviu — o adejar das asas.

Uma pomba branca desceu da tília e voou à volta dela. Maman, que tinha estado a assistir da porta de casa, desceu os degraus a correr e tentou afugentar a ave matreira, mas esta manteve-se acima do seu alcance. Ao voar em redor de Isabelle, começou a cantar.

*Sangue no chão! Sangue no sapato!  
Esta rapariga não é honesta nem tem tato!*

O príncipe parou de falar. Olhou para a pomba e depois para Isabelle. O seu olhar desviou-se para a bainha do vestido dela, que estava manchada de sangue, e depois para os rastos escuros que ela tinha deixado na terra.

Isabelle tirou o pé de dentro do sapato de cristal e deu um passo atrás. O sapato tombou, entornando mais sangue no chão. A parte da frente da meia dela estava com um tom vermelho-vivo. Isabelle foi tomada pela vergonha.

— Cortaste os teus próprios dedos — disse o príncipe, incrédulo, abanando a cabeça.

Isabelle concordou com a cabeça, agora tão assustada como envergonhada. Tinha-o enganado. Só Deus sabia o que ele iria fazer-lhe. Ela já tinha ouvido histórias macabras acerca das masmorras do castelo e de cabeças enfiadas em piques. Qual seria o seu destino?

Mas o príncipe não ordenou aos guardas que a detivessem. Não havia

fúria no seu rosto, apenas tristeza. E algo mais, algo que Isabelle não esperara ver — bondade.

— Como é que aguentaste a dor? — perguntou ele.

Isabelle olhou para o chão. Lembrou-se das palavras de Maman, proferidas anteriormente na cozinha.

*Feia... aborrecida... gorda como uma vaca...*

— Tive muita prática — respondeu.

O príncipe franziu o sobrolho.

— Não compreendo.

Isabelle levantou a cabeça. Olhou para o rosto dele, tão bonito que era de partir o coração.

— Pois não — disse ela. — Não compreende.

O grão-duque juntou-se a eles, com fúria a faiscar-lhe nos olhos.

— Conheço soldados calejados pela guerra que não conseguiriam fazer o que a *mademoiselle* fez — disse ele a Isabelle. Depois voltou-se para o príncipe. — Uma rapariga capaz de tal ato é capaz de qualquer coisa, majestade. Ela não é normal. É perturbada. Perigosa. — Fez sinal a dois soldados. — Detenham-na.

O coração de Isabelle vacilou de medo quando os dois homens se precipitaram na sua direção, mas o príncipe deteve-os.

— Deixem-na — ordenou, fazendo-lhes sinal para que se afastassem.

— Mas, Vossa Graça, certamente não deixará que um segundo engodo fique impune — disse o grão-duque. — Um já é suficientemente mau, mas dois...

— Já disse para a *deixarem*. Ela feriu-se gravemente. Que mais poderia eu fazer-lhe?

O grão-duque acenou bruscamente com a cabeça. Depois dirigiu-se a Maman.

— Suponho que não tenha mais filhas ansiosas por cortar pedaços de si mesmas para casar com o príncipe?

— Não — respondeu Maman amargamente. — Não tenho mais filhas.

— Então, vamos andando — disse o grão-duque. — Bom dia, *madame*.

Uma fonte borbulhava no centro da entrada. Enquanto o príncipe subia para a carruagem, o grão-duque, que ainda tinha nas mãos a almofada de veludo, ordenou a um soldado que lavasse o sapato de cristal na água. O soldado assim fez e depois voltou a pousá-lo na almofada. Maman ficou a observá-los, rígida de fúria.

Isabelle, atordoada devido ao seu suplício, sentou-se num banco de

jardim, à sombra da tília. Fechou os olhos, tentando fazer com que a sua cabeça parasse de andar à roda. Tinha uma vaga noção dos cavalos a bater com as patas no chão, impacientes por partir. Dos insetos a zumbir no calor da tarde. Da pomba, que agora arrulhava acima dela, nos ramos.

Foi então que outro som se ergueu acima dos outros — urgente e agudo.  
— Esperem! Não vão! Por favor, por favor, esperem!

Era a voz de uma rapariga. Vinha da mansão. Estava a gritar. A implorar. Isabelle abriu os olhos.

A rapariga desceu os degraus a correr. Tinha o cabelo num desalinho. O seu vestido era pouco mais do que farrapos. O seu rosto e mãos estavam sujos de fuligem. Tinha os pés descalços.

Ainda assim, era surpreendentemente, dolorosamente e assombrosamente bela.

Era Ella.

A meia-irmã de Isabelle.

## — SETE —

O grão-duque lançou um olhar mortífero a Maman.

— Este é mais um dos seus truques, *madame*? Mandar uma criada imunda para experimentar o sapato? — perguntou ele, indignado.

Maman semicerrou os olhos ao fitar a enteada.

— Ella, como te atreves! — gritou. — Volta imediatamente para dentro!

Mas Ella nem sequer a ouviu. Estava de olhos postos no príncipe, e ele de olhos postos nela. Já estava a sair da carruagem, a correr para ela.

Ao observá-los, Isabelle viu algo que nunca tinha visto; nem entre a mãe e o padrasto, nem entre a mãe e o pai. Era puro e avassalador. Poderoso, profundo e verdadeiro. Era amor.

Quando Isabelle viu aquele amor, intangível mas tão real, apercebeu-se de que tinha sido com Ella que o príncipe dançara no baile, que era por ela que ele ansiava.

Os dentes finos e afiados da inveja cravaram-se profundamente no coração de Isabelle. Maman tinha feito tudo o que estava ao seu alcance para evitar que Ella fosse ao baile, mas mesmo assim Ella tinha encontrado uma forma de ir. De alguma maneira, aquela rapariga, que nada possuía, tinha

arranjado uma carruagem e cavalos, um vestido cintilante e um par de sapatos de cristal. *Como?*, pensou Isabelle.

O príncipe e Ella pararam a centímetros um do outro. Delicadamente, o príncipe tocou-lhe o rosto. Os seus dedos contornaram a linha do maxilar dela.

— És tu — disse ele. — Finalmente encontrei-te. Porque é que fugiste?

— Porque receava que assim que descobrisses quem eu realmente era, apenas uma rapariga vulgar do campo, deixasses de me amar — respondeu Ella.

— Tu não tens nada de vulgar, Ella — disse o príncipe, tomando as mãos dela nas suas. Virou-se para o grão-duque. — Traz o sapato de cristal — ordenou.

Mas para surpresa de Isabelle — e de todos os outros —, o grão-duque não se mexeu. Os seus lábios formavam uma linha fina. O desprezo ensombrou-lhe os olhos impiedosos.

— Vossa Graça, esta rapariga é uma *criada* — disse ele. — Não estive no baile. Os guardas *nunca* deixariam que alguém vestido com trapos entrasse no palácio. Ora, a mera ideia...

O príncipe interrompeu-o.

— O sapato. Já!

O grão-duque fez uma vénia rígida. Caminhou em direção ao príncipe e a Ella, enquanto segurava na almofada de veludo à sua frente. Quando estava a apenas alguns metros de distância, a ponta da sua bota preta e brilhante ficou presa em qualquer coisa — uma pedra, diria ele mais tarde — e ele tropeçou.

O sapato de cristal escorregou da almofada de veludo. Caiu ao chão.

E desfez-se em mil pedaços cintilantes.

## — OITO —

O príncipe gritou de angústia.

O grão-duque pediu desculpa, pondo a mão no coração.

Os soldados remexeram-se com nervosismo, e as suas espadas retiniram-lhes nas ancas.

Maman riu-se. Isabelle arquejou. Apenas Ella estava calma. Rapidamente se percebeu porquê.

— Está tudo bem. Tenho o outro aqui mesmo — disse ela a sorrir.

Enquanto todos observavam, Ella tirou um segundo sapato de cristal do bolso. Pousou-o no chão e levantou a bainha da saia. Ao enfiar o seu pequeno pé lá dentro, o brilho azul intensificou-se e o sapato cintilou como se fosse feito de diamantes.

Servia na perfeição.

O príncipe riu de alegria. Tomou Ella nos braços e beijou-a, sem se importar com quem estava a assistir. Os soldados voltaram a soltar vivas. O grão-duque limpou o suor da testa. Maman virou costas, de punhos cerrados, e entrou em casa.

Isabelle assimilou tudo aquilo, desejando, como desejara por milhões de vezes, ser bonita. Ser valorizada. Ter importância.

— A Ella venceu — disse uma voz atrás dela.

Era Tavi. Tinha saído da mansão a coxear e estava apoiada nas costas do banco de jardim, a segurar o pé ferido no ar. Deu a volta até à frente do banco e sentou-se.

— As bonitas vencem sempre — disse Isabelle amargamente.

Enquanto as duas irmãs conversavam, uma terceira pessoa juntou-se a elas — Ella.

Tavi lançou-lhe um sorriso cáustico.

— Perfeito — disse ela. — Aqui estamos nós outra vez. As três. À sombra da tília.

Ella mal a ouviu. Estava a olhar para os pés de Isabelle e Tavi, com tamanho ar de tristeza que quase parecia estar de luto.

— O que fizeram vocês? — perguntou de lágrimas nos olhos.

— Não te atrevas a chorar por nós, Ella — disse Tavi veementemente. — Não te *atrevas*. Não tens esse direito. Tiveste o que merecias e nós também.

Ella ergueu o olhar para Tavi.

— Tivemos? Eu mereci a vossa crueldade? Vocês mereceram estes ferimentos? Era isto que nós merecíamos?

Tavi desviou o olhar. Depois, com dificuldade, levantou-se.

— Vai, Ella. Vai-te embora daqui. Não voltes.

Ella, com as lágrimas a rola-lhe pelo rosto, ficou a olhar enquanto Tavi coxeava em direção à mansão. Depois virou-se para a sua outra meia-irmã.

— Odeias-me assim tanto, Isabelle? Ainda?

Isabelle não conseguiu responder-lhe; sentia-se como se tivesse a boca cheia de sal. A recordação que tinha reprimido voltava agora à superfície.

Tinha outra vez nove anos. Ella e Tavi tinham dez. Maman era casada com o pai de Ella havia um ano.

Estavam todas juntas, à sombra da tília.

Irmãs.

Meias-irmãs.

Amigas.

— NOVE —

Era uma tarde de verão.

O céu estava azul, o Sol brilhava.

Havia rosas a cobrir os muros de pedra que rodeavam a mansão. Os pássaros cantavam nos ramos dispersos da tília e, por baixo deles, três raparigas brincavam. Ella fazia fios de margaridas e inventava histórias sobre Tanaquill, a rainha das fadas, que vivia no oco da árvore. Tavi fazia equações numa ardósia, com um pedaço de giz. E Isabelle fazia esgrima com um cabo de esfregona antigo, fingindo defender as suas irmãs do Barba Negra.

— Está na hora de morreres, escumalha de pirata! *En garde!* — gritou, lançando-se sobre o galo *Bertrand*, que se tinha aproximado da árvore. Preferia, de longe, fazer duelos com Felix, o filho do moço de estrebaria, mas este estava ocupado com um novo potro.

O galo ergueu-se a toda a sua altura. Bateu as asas, cacarejou alto e atacou. Perseguiu Isabelle à volta da árvore, depois ela perseguiu-o, e assim continuaram até que Tavi, exasperada, gritou:

— Por amor de Deus, Izzy! Será que *nunca* estás quieta?

Incapaz de afugentar o galo, Isabelle trepou a tília, na esperança de que ele perdesse o interesse. Precisamente quando se sentou num ramo, uma carruagem parou na entrada. O galo olhou uma vez para ela e fugiu. Dois homens saíram lá de dentro. Um tinha o cabelo grisalho e andava curvado. Usava bengala e trazia consigo uma caixa de seda cor-de-rosa, com flores pintadas. O mais novo tinha uma sacola de cabedal. Isabelle não os reconheceu, mas isso era normal. Era frequente haver homens a viajar de Paris para se encontrarem com o seu padraсто. Na sua maioria eram comerciantes, tal como ele, e vinham tratar de negócios.

Os homens não viram Isabelle, nem Ella, que estava bem escondida na abóbada de ramos. Viram apenas Tavi, que estava sentada no banco de jardim.

— O que estás aqui a fazer, menininha? A praticar as tuas letras? — perguntou o cavalheiro mais velho.

— A tentar provar o quinto postulado de Euclides — respondeu Octavia a franzir o sobrolho. Não levantou os olhos da ardósia.

O velhote riu-se. Deu uma cotovelada ao seu companheiro.

— Ora esta, parece que temos aqui uma estudiosa! — disse. Depois virou-se novamente para Tavi. — Agora ouve-me, minha patinha, não deves aborrecer-te com álgebra.

— Na verdade, é geometria.

Ao ser corrigido, o velhote franziu o sobrolho.

— Sim, pois, seja o que for, a mente feminina não foi feita para isso — avisou. — Vais sobrecarregar o cérebro e ficar com dores de cabeça. E as dores de cabeça provocam rugas, sabes?

Tavi olhou para cima.

— É assim que funciona? Então como é que tu ficaste com rugas? Não te imagino a sobrecarregar muito o *teu* cérebro.

— Ora, eu nunca... Em toda a minha vida... Que menina mal-educada! — gaguejou o velhote, abanando a bengala na direção de Tavi.

Foi quando Ella apareceu.

— A Tavi não queria ser mal-educada, senhor...

— Queria, sim — disse Tavi, em voz baixa.

—... só que Euclides aborrece-a — concluiu Ella.

O velhote parou de gaguejar. Sorriu. Ella tinha esse efeito nas pessoas.

— Que menina tão bonita. Tão querida e simpática — disse ele. — Vou pedir ao teu papá para te casar com o meu neto. Assim, vais ter um marido rico, viver numa bela casa e usar vestidos bonitos. Gostavas?

Ella hesitou e depois respondeu:

— Posso ter antes um cachorrinho?

Os dois homens desataram a rir-se. O mais novo fez-lhe uma festa por baixo do queixo. O mais velho acariciou-lhe os caracóis loiros, chamou-lhe «bela rosa» e deu-lhe um bombom da caixa cor-de-rosa que tinha trazido para Maman. Ella sorriu, agradeceu e comeu rapidamente o doce.

Isabelle, ainda no cimo da árvore, assistiu ansiosamente à conversa. Adorava bombons. Com o cabo da esfregona na mão, desceu de um salto e correu em direção ao velhote. Ele gritou, cambaleou para trás e caiu.

— Que diabos estás tu a fazer com esse pau? — gritou-lhe com o rosto corado.



— A lutar contra o Barba Negra — respondeu Isabelle, enquanto o homem mais novo ajudava o mais velho a levantar-se.

— Quase me mataste!

Isabelle lançou-lhe um olhar cético.

— Estou sempre a cair. Das árvores. Dos cavalos. Até do palheiro cáí, uma vez. E isso não *me* matou — disse ela. — Também posso comer um bombom, por favor?

— Claro que não! — disse o velhote, sacudindo a roupa. — Porque é que haveria de dar um docinho tão bom a uma macaquinha tão nojenta, com as mãos sujas e folhas no cabelo?

O homem pegou na caixa cor-de-rosa e na bengala e dirigiu-se para a mansão, resmungando para o companheiro ao longo de todo o caminho. Falava baixo, mas Isabelle — que ainda tinha esperança de conseguir um bombom — seguiu-os e conseguiu ouvi-lo.

— Aquela é bonitinha e encantadora, e um dia dará uma esplêndida esposa, mas as outras duas... — Abanou a cabeça de forma sinistra. — Bem, suponho que podem sempre tornar-se freiras ou governantas, ou seja lá o que for que fazem as raparigas feias.

Isabelle paralisou. Levou a mão ao peito. Havia uma dor no seu coração, nova e estranha. Ainda há momentos tinha estado a brincar alegremente aos piratas, sem qualquer noção de que era imperfeita. De que era inferior. De que era uma *macaquinha nojenta*, e não uma *bela rosa*.

Pela primeira vez, compreendeu que Ella era bonita, e ela não.

Isabelle era forte. Era corajosa. Vencia Felix nos duelos de espadas. Saltava com o seu garanhão, *Nero*, sobre vedações que assustavam todos os outros. Certa vez tinha afugentado um lobo do galinheiro apenas com um pau.

*Estas coisas também são boas*, pensara, enquanto estava ali espedada, desorientada e a sentir-se defraudada. *São, não são? Eu sou, não sou?*

Foi nesse dia que tudo mudou entre as três meninas.

Eram apenas crianças. Ella tinha recebido um doce e envaidecera com toda aquela atenção. Isabelle estava com inveja; não conseguia evitar. Também queria um doce. Queria palavras gentis e olhares de admiração.

Às vezes é mais fácil dizer que detestamos o que não podemos ter do que admitir o quanto o queremos. E assim, Isabelle, ainda espedada à sombra da tília, disse que odiava Ella.

E Ella disse que a odiava também.  
E Tavi disse que odiava toda a gente.  
E Maman ficou no terraço a ouvir, com um novo e perigoso brilho nos olhos frios e atentos.

— DEZ —

— Isabelle, vou agora embora. Eu-eu não sei se alguma vez te voltarei a ver.  
A voz de Ella trouxe Isabelle de volta das suas memórias. Ella baixou-se e beijou-lhe a testa, com os seus lábios como um ferro quente contra a pele de Isabelle.

— Não me odeies mais, meia-irmã — sussurrou. — Para teu próprio bem, não para o meu.

Depois foi-se embora, e Isabelle ficou sozinha no banco de jardim.

Pensou na pessoa que fora em tempos e na pessoa em que se tinha tornado. Pensou em todas as coisas que lhe tinham dito que devia querer, as coisas pelas quais se tinha mutilado para conseguir, as coisas importantes. Agora era Ella quem as tinha, e Isabelle não tinha nada. A inveja consumia-a, como assim acontecia havia anos.

Isabelle olhou para a esquerda e viu Tavi a subir com dificuldade os degraus da mansão, passar a soleira a mancar e fechar a porta. Olhou para a direita e viu o príncipe ajudar Ella a subir para a carruagem. Subiu atrás dela e depois também ele fechou a portinhola.

O grão-duque sentou-se ao lado do cocheiro. Deu um grito de comando para os soldados à sua frente, já a montar os respetivos cavalos, e todos arrancaram. O cocheiro fez estalar o chicote e os oito garanhões brancos deram uma guinada em frente, nos seus arreios.

Isabelle observou a carruagem enquanto esta saía da longa entrada, descia a estreita estrada rural e subia uma colina. Instantes depois, tinha desaparecido.

Deixou-se estar no seu lugar por bastante tempo, até o dia arrefecer e o Sol começar a pôr-se. Até os pássaros terem voado para os seus poleiros e uma raposa de olhos verdes se esgueirar para os bosques, para caçar. Depois levantou-se e sussurrou para as sombras do final do dia:

— Não é a ti que odeio, Ella. Nunca foi. É a mim.